

# Primeiro Fausto

Fernando Pessoa

Fonte: <http://www.cfh.ufsc.br/~magno/fausto.htm>

## Primeiro Tema

### O Mistério do Mundo

I

Quero fugir ao mistério  
Para onde fugirei?  
Ele é a vida e a morte  
Ó Dor, aonde me irei?

II

O mistério de tudo  
Aproxima-se tanto do meu ser,  
Chega aos olhos meus d'alma tão [de] perto,  
Que me dissolvo em trevas e universo...  
Em trevas me apavoro escuramente.

III

O perene mistério, que atravessa  
Como um suspiro céus e corações...

IV

O mistério ruiu sobre a minha alma  
E soterrou-a... Morro consciente!

V

Acorda, eis o mistério ao pé de ti!  
E assim pensando riu amargamente,  
Dentro em mim riu como se chorasse!

VI

Ah, tudo é símbolo e analogia!  
O vento que passa, a noite que esfria,  
São outra coisa que a noite e o vento —  
Sombras de vida e de pensamento.

Tudo o que vemos é outra coisa.  
A maré vasta, a maré ansiosa,  
É o eco de outra maré que está  
Onde é real o mundo que há.

Tudo o que temos é esquecimento.  
A noite fria, o passar do vento,

São sombras de mãos, cujos gestos são  
A ilusão madre desta ilusão.

## VII

Mundo, confranges-me por existir.  
Tenho-te horror porque te sinto ser  
E compreendo que te sinto ser  
Até às fezes da compreensão.  
Bebi a taça [...] do pensamento  
Até ao fim; reconhecia pois  
Vazia, e achei horror. Mas eu bebi-a.  
Raciocinei até achar verdade,  
Achei-a e não a entendo. Já se esvai  
Neste desejo de compreensão,  
Inalteravelmente,  
Neste lidar com seres e absolutos,  
O que em mim, por sentir, me liga à vida  
E pelo pensamento me faz homem.

E neste orgulho certo  
Fechado mais ainda e alheado  
Me vou, do limitado e relativo  
Mundo em que arrasto a cruz do meu pensar.

## VIII

Cidades, com seus comércios...

Tudo é permanentemente estranho, mesmamente  
Descomunal, no pensamento fundo;  
Tudo é mistério, tudo é transcendente  
Na sua complexidade enorme:  
Um raciocínio visionado e exterior,  
Uma ordeira misteriosidade —  
Silêncio interior cheio de som.

## IX

Já estão em mim exaustas,  
Deixando-me transido de terror,  
Todas as formas de pensar [...]  
O enigma do universo. Já cheguei  
A conceber, como requinte extremo  
Da exausta inteligência, que era Deus...

Já cheguei a aceitar como verdade  
O que nos dão por ela, e a admitir  
Uma realidade não real  
Mas não sonhada, [como o] Deus Cristão.

Falhados pensamentos e sistemas  
Que, por falharem, só mais negro fazem  
O poder horroroso que os transcende

A todos, [sim,] a todos.  
Oh horror! Oh mistério! Oh existência!

X

O segredo da Busca é que não se acha.  
Eternos mundos infinitamente,  
Uns dentro de outros, sem cessar decorrem  
Inúteis; Sóis, Deuses, Deus dos Deuses  
Neles intercalados e perdidos  
Nem a nós encontramos no infinito.  
Tudo é sempre diverso, e sempre adiante  
De [Deus] e Deuses: essa, a luz incerta  
Da suprema verdade.

XI

Nos vastos céus estrelados  
Que estão além da razão,  
Sob a regência de fados  
Que ninguém sabe o que são,  
Ha sistemas infinitos,  
Sóis centros de mundos seus,

E cada sol é um Deus.

Eternamente excluídos  
Uns dos outros, cada um  
É universo.

XII

Num atordoamento e confusão  
Arde-me a alma, sinto nos meus olhos  
Um fogo estranho, de compreensão  
E incompreensão urdido, enorme  
Agonia e anseio de existência,  
Horror e dor, [agonia] sem fim!

XIII

Fantasmas sem lugar, que a minha mente  
Figura no visível, sombras minhas  
Do diálogo comigo.

XIV

Não, não vos disse ... A essência inatingível  
Da profusão das coisas, a substância,  
Furta-se até a si mesma. Se entendesses  
Neste ou naquele modo o que vos disse,  
Não o entendesses, que lhe falta o modo  
Por que se entenda.

## XV

Do eterno erro na eterna viagem,  
O mais que [exprime] na alma que ousa,  
É sempre nome, sempre linguagem,  
O véu e capa de uma outra cousa.

Nem que conheças de frente o Deus,  
Nem que o Eterno te dê a mão,  
Vês a verdade, rompes os véus,  
Tens mais caminho que a solidão.

Todos os astros, inda os que brilham  
No céu sem fundo do mundo interno,  
São só caminhos que falsos trilham  
Eternos passos do erro eterno.

Volta a meu seio, que não conhece  
os deuses, porque os não vê,  
Volta a meus braços, melhor esquece  
que tudo só fingir que é.

## XVI

Ondas de aspiração [...]   
Sem mesmo o coração e alma atingir  
Do vosso sentimento; ondas de pranto,  
Não vos posso chorar, e em mim subis,  
Maré imensa, numerosa e surda,  
Para morrer da praia no limite  
Que a vida impõe ao Ser; ondas saudosas  
De algum mar alto aonde a praia seja  
Um sonho inútil, ou de alguma terra  
Desconhecida mais que o eterno [amor]  
De eterno sofrimento, e aonde formas  
Dos olhos de alma não imaginadas  
Vogam essências [...]   
Esquecidas daquilo que chamamos  
Suspiros, lágrimas, desolação;  
[Ondas] nas quais não posso visionar  
Nem dentro em mim, em sonho, [barco] ou ilha,  
Nem esperança transitória, nem  
Ilusão nada da desilusão;

Oh, ondas sem brancuras nem asperezas,  
Mas redondas, como óleos, e silentes  
No vosso intérmino e total rumor —  
Oh, ondas das almas, decaí em lago  
Ou levantai-vos ásperas e brancas  
Com o sussurro ácido da esperança ...  
Erguei em tempestades a minha alma!

Não haverá,

Além da morte e da imortalidade,  
Qualquer coisa maior? Ah, deve haver  
Além da vida e morte, ser, não ser,  
Um inominável supertranscendente,  
Eterno incógnito e incognoscível!

Deus? Nojo. Céu, inferno? Nojo, nojo.  
Pr'a que pensar, se há de parar aqui  
O curto vôo do entendimento?  
Mais além! Pensamento, mais além!

## XVII

Paro à beira de mim e me debruço...  
Abismo... E nesse abismo o Universo.  
Com seu tempo e seu 'spaço, é um astro, e nesse  
Alguns há, outros universos, outras  
Formas do Ser com outros tempos, 'spaços  
E outras vidas diversas desta vida...

O espírito é outra estrela. . . O Deus pensável  
É um sol... E há mais Deuses, mais espíritos  
De outras essências de Realidade ...

E eu precipito-me no abismo, e fico  
Em mim... E nunca desço ... E fecho os olhos  
E sonho — e acordo para a Natureza  
Assim eu volto a mim e à Vida

Deus a si próprio não se compreende.  
Sua origem é mais divina que ele,  
E ele não tem a origem que as palavras  
Pensam fazer pensar...

O abstrato Ser [em sua] abstrata idéia  
Apagou-se, e eu fiquei na noite eterna.  
Eu e o Mistério — face a face...

## XVIII

No meu abismo medonho  
Se despenha mudamente  
A catarata de sonho  
Do mundo eterno e presente.  
Formas e idéias eu bebo,  
E o mistério e horror do mundo  
Silentemente recebo  
No meu abismo profundo.

O Ser em si nem é o nome  
Do meu ser inenarrável;  
No meu mudo Maëlstrom  
O grande mundo inestável  
Como um suspiro se apaga

E um silêncio mais que infindo  
Acolhe o acorrer do vago  
Que em mim se vai esvaindo.

Por mais que o Ser, que transcende  
Criatura e Criador,  
Se esse Ser ninguém entende  
Ele, a mim e ao meu horror,  
Menos. Vida, pensamento,  
Tudo o que nem se adivinha,  
É tudo como um momento  
Numa eternidade minha.

XIX

Abre-me o sonho  
Para a loucura a tenebrosa porta,  
Que a treva é menos negra que esta luz.

O terror desvaria-me, o terror  
De me sentir viver e ter o mundo  
Sonhado a laços de compreensão  
Na minha alma gelada.

XX

A qualquer modo todo escuridão  
Eu sou supremo. Sou o Cristo negro.  
O que não crê, nem ama — o que só sabe  
O mistério tornado carne.

Há um orgulho atro que me diz  
Que Sou Deus inconscienciando-me  
Para humano; sou mais real que o mundo,  
Por isso odeio-lhe a existência enorme,  
O seu amontoar de coisas vistas.  
Como um santo devoto  
Odeio o mundo, porque o que eu sou  
E que não sei sentir que sou, conhece-o  
Por não real e não ali.  
Por isso odeio-o —  
Seja eu o destruidor! Seja eu Deus ira!

XXI

Sou a Consciência em ódio ao inconsciente,  
Sou um símbolo incarnado em dor e ódio,  
Pedaço de alma de possível Deus  
Arremessado para o mundo  
Com a saudade pávida da pátria...

Ó sistema mentido do universo,  
Estrelas nadas, sóis irrealis,

Oh, com que ódio carnal e estonteante  
Meu ser de desterrado vos odeia!  
Eu sou o inferno. Sou o Cristo negro,  
Pregado na cruz ígnea de mim mesmo.  
Sou o saber que ignora,  
Sou a insônia da dor e do pensar

## XXII

Ah, não poder tirar de mim os olhos,  
Os olhos da minha alma [...]  
(Disso a que alma eu chamo)  
Só sei de duas coisas, nelas absorto  
Profundamente: eu e o universo,  
O universo e o mistério e eu sentindo  
O universo e o mistério, apagados  
Humanidade, vida, amor, riqueza.

Oh vulgar, oh feliz! Quem sonha mais,  
Eu ou tu? Tu que vives inconsciente,  
Ignorando este horror que é existir,  
Ser, perante o [profundo] pensamento  
Que o não resolve em compreensão, tu  
Ou eu, que analisando e discorrendo  
E penetrando [...] nas essências,  
Cada vez sinto mais desordenado  
Meu pensamento louco e sucumbido.  
Cada vez sinto mais como se eu,  
Sonhando menos, consciência alerta  
Fosse apenas sonhando mais profundo

## XXIII

Ah, que diversidade,  
E tudo sendo. O mistério do mundo,  
O íntimo, horroroso, desolado,  
Verdadeiro mistério da existência,  
Consiste em haver esse mistério.

## XXIV

Essa simplicidade d'alma  
Possuída não só dos inocentes  
Mas até dos viciosos, criminosos...

essa simplicidade  
Perdi-a, e só me resta um vácuo imenso  
Que o pensamento friamente ocupa.

## XXV

Tremo de medo:  
Eis o segredo aberto.  
Além de ti  
Nada há, decerto,  
Nem pode haver  
Além de ti,  
Que [só] tens essência  
Nem tens existência  
E te chamas [...] Ser.

XXVI

Mais que a existência  
É um mistério o existir, o ser, o haver  
Um ser, uma existência, um existir —  
Um qualquer, que não este, por ser este —  
Este é o problema que perturba mais.  
O que é existir — não nós ou o mundo  
Mas existir em si?

XXVII

Não é a dor de já não poder crer  
Que m'opprime, nem a de não saber,  
Mas apenas [e mais] completamente o horror  
De ter visto o mistério frente a frente,  
De tê-lo visto e compreendido em toda  
A sua infinidade de mistério.  
É isto que me alheia, que me [traz]  
Sempre mostrado em mim como um terror  
E maior terror há-o?

XXVIII

Para mim ser é admirar-me  
de estar sendo.

XXIX

Há entre mim e o real um véu  
A própria concepção impenetrável.  
Não me concebo amando, combatendo,  
Vivendo com os outros. Há, em mim,  
Uma impossibilidade de existir  
De que [abdiquei], vivendo.

XXX

Tornei minha alma exterior a mim.

XXXI

Tarde! Não poder  
Adivinhar o teu segredo



E o teu mistério ilúcido. Ignorar  
Esta emoção,  
Vaga desesperança quase amarga,  
Da sensação que dás.

XXXII

Qu'importa? Tudo é o mesmo. A mim quer seja  
Manhã inda d'orvalho arrepiada,  
Dia, ligeiro ao sol, pesado em nuvens,  
A tarde,  
A noite misteriosa,  
Tudo, se nele penso, só me amarga  
E me angustia.

XXXIII

Acordado, abro os olhos.  
Vivo! Sou vivo ainda! Torno a ver-te,  
Pálida luz, silente luz da tarde,  
Que ora me [enches] de um cálido horror!  
Onde estou? Onde estive? Ferve em mim,  
Numa quietação indefinida,  
Um eco de tumultos e de sombras  
E uma coorte como de fantasmas  
[Gritantes]. E luzes, cantos, gritos,  
Desejos, lágrimas, chamuscas e corpos,  
Num refulgir [tumultuoso] e misturado,  
Numa esvaída confusão noturna —  
Como tendo piedade de deixar-me —  
Sinto passar em mim, como visões.  
Nem com esforço recordar-me posso  
Se são fantasmas ou vagas lembranças;  
Não me lembro de vida alguma minha  
E o necessário esforço, desejado  
P'ra recordar-me, não o posso ter.

Acabar. Nem desejo nem espero  
Nem temo, n'apatia do meu ser.  
Para que pois viver? Quero a morte,  
E ao sentir os seus passos  
Alegremente e apagadamente  
Me voltarei lento para o seu lado,  
Deixando enfim cair sobre o meu braço  
Minha cabeça, olhos cerrados, quentes  
Do choro vago já meio esquecido.  
Mas onde estou? Que casa é esta? Quarto  
Rude, simples — não sei, não tenho força  
Para observar — quarto cheio da luz  
Escura e demorada, que na tarde  
Outrora eu... Mas que importa? A luz é tudo.  
Eu conheço-a.

XXXIV

Basta ser breve e transitória a vida  
Para ser sonho. A mim, como a quem sonha,  
E escuramente pesa a certa mágoa  
De ter que despertar — a mim, a morte,  
Mais como o horror de me tirar o sonho  
E dar-me a realidade, me apavora,  
Que como morte. Quantas vezes [quantas],  
Em sonhos vazios conscientemente  
Imerso, me não pesa o ter que ver  
A realidade e o dia!  
Sim, este mundo com seu céu e terra,  
Com seus mares e rios e montanhas,  
Com suas árvores, aves, bichos, homens,  
Com o que o homem, com translata arte,  
De qualquer construção divina, fez  
— Casas, cidades, coisas, modas [...] —,  
Este mundo, que [nunca] reconheço,  
Por sonho amo, e por ser sonho o [quero]  
Ou [tenho] que deixá-lo e ver verdade,  
— Me toma a gorja, com horror de negro,  
O pensamento da hora inevitável,  
E a verdade da morte me confrange.  
Pudesse eu, sim, pudesse, eternamente  
Alheio ao verdadeiro ser do mundo,  
Viver sempre este sonho que é a vida!  
Expulso embora da divina essência,  
Ficção fingindo, vã mentira eterna,  
Alma-sonho, que eu nunca despertasse!  
Suave me é o sonho, e a vida [...] é sonho.  
Temo a verdade e a verdadeira vida.  
Quantas vezes, pesada a vida, busco  
No seio maternal da noite e do erro,  
O alívio de sonhar, dormindo; e o sonho  
Uma perfeita vida me parece  
[...] ..., e porventura  
Porque depressa passa. E assim é a vida.

XXXV

E o sentimento de que a vida passa  
E o senti-la passar  
Toma em mim tal intensidade,  
De desolado e confrangido horror,  
Que a esse próprio horror, horror eu tenho  
Por ele e por senti-lo,  
E por senti-lo como tal.

XXXVI

Aborreço-me da possibilidade  
De vida eterna; o tédio  
De viver sempre deve ser imenso.  
Talvez o infinito seja isso...

Já o tédio de o pensar é horroroso.

## **Segundo Tema O Horror de Conhecer**

I

O inexplicável horror  
De saber que esta vida é verdadeira,  
Que é uma coisa real, que é [como um] ser  
Em todo o seu mistério  
Realmente real.

II

Do horror do mistério são, talvez guerreiros  
Símbolos esses horrendos  
Gorgona e Demogorgon fabulosos,  
Fatais um pelo aspecto o outro no nome.  
Neles se vê a ávida ansiedade  
De ter, em concepção que torturasse  
De terror, isso que de vago e estranho,  
Atravessando como um arrepio  
Do pensamento a solidão, integra  
Em luz parcial [...] a negra lucidez  
Do mistério supremo. É conhecer,  
O erguer desses ídolos de horror,  
A existência daquilo que, pensando  
A fundo, redemoinha o pensamento  
Por loucos vãos [recantos], delírios da loucura,  
Despenhadeiros [íngremes], confusos  
Tormentamentos, e o que mais de angústia  
E pavor não se exprime, sem que falhe  
Na própria concepção o conceber.

III

Por que pois buscar  
Sistemas vãos de vãs filosofias,  
Religiões, seitas, [voz de pensadores],  
Se o erro é condição da nossa vida,  
A única certeza da existência?  
Assim cheguei a isto: tudo é erro,  
Da verdade há apenas uma idéia  
A qual não corresponde realidade.  
Crer é morrer; pensar é duvidar;  
A crença é o sono e o sonho do intelecto  
Cansado, exausto, que a sonhar obtém  
Efeitos lúcidos do engano fácil  
Que antepôs a si mesmo, mais sentido,  
Mais [visto] que o usual do seu pensar.  
A fé é isto: o pensamento  
A querer enganar-se-eternamente

Fraco no engano, [e assim] no desengano;  
Quer na ilusão, quer na desilusão.

#### IV

Quanto mais fundamente penso, mais  
Profundamente me descompreendo.  
O saber é a inconsciência de ignorar...

#### V

Só a inocência e a ignorância são  
Felizes, mas não o sabem. São-no ou não?  
Que é ser sem no saber? Ser, como a pedra,  
Um lugar, nada mais.

#### VI

Quando às vezes eu penso em meu futuro  
Abre-se de repente [um largo] abismo  
Perante o qual me cambaleia o ser.  
E ponho abre os olhos as mãos da alma  
Para esconder aquilo que não vejo.  
— Oh, lúgubres gracejos de expressão

#### VII

Às vezes passam  
Em mim relâmpagos de pensamento  
intuitivo e aprofundador,  
Que angustiadamente me revelam  
Momentos dum mistério que apavora;  
Duvidosos, deslembados, confrangem-me  
De terror, que entontece o pensamento  
E vagamente passa, e o meu ser volve  
À escuridão e ao menor horror.

#### VIII

A loucura por que é  
Mais que sã a falta dela...

Qual a íntima razão  
Que a crença e o sonho sejam necessários  
E tudo o mais funesto?...

Ironia suprema do saber:  
Só conheço isso que não entendo,  
Só entendo o que entender não [posso]!

E eu cambaleio  
Pelas vias escuras da loucura  
Olhos vagos de susto, pelo [horror]  
De haver realidade e de haver ser,

De haver o fato da realidade.

Tremo, e de repente  
Uma sombra da noite pavorosa  
Inunda-me o gelado pensamento

Vou caindo  
Num precipício cujo horror não sei  
Nem a mim mesmo [logro] figurar,  
Que só calculo quando nele estou.

IX

A sonhar eu venci mundos  
Minha vida um sonho foi.  
Cerra teus olhos profundos  
Para a verdade que dói.  
A Ilusão é mãe da vida:  
Fui doido, e tudo por Deus.  
Só a loucura incompreendida  
Vai avante para os céus.

X

Do fundo da inconsciência  
Da alma sobriamente louca  
Tirei poesia e ciência,  
E não pouca  
Maravilha do inconsciente!  
Em sonho, sonhos criei.  
E o mundo atônito sente  
Como é belo o que lhe dei.

XI

Só a loucura é que é grande!  
E só ela é que é feliz!

XII

Montanhas, solidões [...], desertos todos,  
[Inda] que assim eu tenha de morrer  
Revelai-me a vossa alma, isso que faz  
Que se me gele a mente ao perceber  
Que realmente existis e, em verdade,  
Que sois fato, existência, coisa, ser.

Desespero ao ouvir-me assim dizer  
Isso que n'alma tenho. Sinto-o, sinto-o,  
E só falando não me compreendo.

Sentir isto, eis o horror que não tem nome!  
Mas senti-lo a sentir, intimamente,  
Não com anseios ou suspiros d'alma

Mas com pavor supremo, com o gelado  
Inerte horror da desesperação!

### XIII

Não tenho, não, já dúvida ou alegria;  
Mas nem regresso mais a essa dúvida  
Nem a essa alegria regressava,  
Se possível me fosse; tenho o orgulho  
De ter chegado aqui, onde ninguém,  
Nem nas asas do doido pensamento  
Nem nas asas da louca fantasia,  
Chegou. E aqui me quedo. Consolado  
Nesta perene desconolação.

Esta  
Diferença contra a diferença  
Entre o vazio cepticismo antigo  
Mudo adivinhador, não compreendendo  
A força toda do que adivinhou —  
Entre isto e o meu pensar. Cheguei aqui.  
Nem daqui sair quero, nem queria  
Aqui chegar. Mas aqui cheguei e fico.

### XIV

Horror supremo! E não poder gritar  
A Deus — não há — pedindo alívio!  
A alma em mim se ironiza só pensando  
Na de pedir ridícula vaidade

Tenho em mim  
A Verdade sentida e incompreendida  
Mas fechada em si mesma, que não posso  
Nem pensá-la. (Senti-la ninguém pode.)

Como eu desejaria bem cerrar  
Os olhos — sem morrer, sem descansar,  
Não sei como — ao mistério e à verdade  
E a mim mesmo — e não deixar de ser.  
Morrer talvez, morrer, mas sem na morte  
Encontrar o mistério face a face.

Sinto-me alheio pelo pensamento,  
Pela compreensão e incompreensão.  
Ando como num sonho. Confrangido  
Pelo terror da morte inevitável  
E pelo mal da vida, que me faz  
Sentir, por existir, aquele horror  
Atormentado sempre.

Objetos mudos  
Que pareceis sorrir-me horridamente  
Só com essa existência e estar ali;

Odeio-vos de horror. Eu queria...  
Ah! pudesse eu dizer-lo — não o sei —  
Nem viver nem morrer [...]  
Nem sentir, nem ficar sem sentimento...

Não posso mais, não posso, suportar  
Esta tortura intensa, o interregno  
Das existências que me cercam... Vamos,  
Abramos a janela... Tarde, tarde...  
É tarde... E outrora amava a tarde  
Com seu silêncio suave e incompleto  
Sentido além  
Da base consciente do meu ser...  
Hoje... não mais, não mais, me voltarão  
As inocências e ignorâncias suaves  
Que me tornavam a alma transparente.  
Nunca mais, nunca mais eu te verei  
Como te vi, do sol da tarde, nunca,  
Nem tu, monte solene de verdura,  
Nem as cores do poente desmaiado  
Num respirar silente... E eu não poder  
Chorar a vossa perda (que eu perdi-vos)  
[Nem mesmo] as lágrimas poder achar —  
Por amargas que fossem — com que outrora  
Eu me lembrava que vos deixaria.

Oh, minha alma amarga  
Cheia de fel, e eu não poder chorar!  
Quem sente chora, mas quem pensa não.  
Eu, cujo amargor e desventura  
Vem de pensar, onde buscarei lágrimas  
Se elas para o pensar não foram dadas?  
Já nem sequer poder dizer-vos: Vinde,  
Lágrimas, vinde! Nem sequer pensar  
Que a chorar-vos ainda chegarei!

XV

[Já oiço o impetuoso  
Circular ruído de arrastadas folhas,  
E, num vago abrir de olhos, na luz sinto  
As amarelidões e palidezes  
[Mal] o outono sopra [novamente].  
Deixá-lo que assim seja — que me importa?  
Como um fresco lençol eu queria  
Puxar sombra e silêncio sobre mim  
E dormir — ah, dormir! — num deslizar  
Suave e brando para a inconsciência,  
Num apagar sentido docemente.

XVI

Não sei de que maneira a sucessão  
Nos dias tem achado este meu ser

Que a si mesmo se tem [desconhecido].  
Não sei que tempo vago atravessei  
Nos breves dias de febril ausência  
De parte do meu ser. Agora  
Não sei o que há em mim, que sobrenada  
A ignorada cousa que perdi.

Sinto pavor, mas já não é o mesmo  
Pavor, nem é a mesma solidão  
Doutro, a solidão em que me sinto.

Queimei livros, papéis,  
Destruí tudo por ficar bem só,  
Por que não [sei], não sabê-lo desejo.

Resta-me apenas um desejo ermo  
De amar e de sentir [...]

Pesado fardo da grandeza! Amor!  
Não a reis nem a príncipes lhes pesa  
E o responsável ânimo [...]  
Como a mim a existência.

Neste atordoamento nasce em mim  
Qualquer coisa de negro e estranho e novo  
Que pressinto com medo [...]  
Aureolado de mim dentro em minha alma.

Como a linha de negro [no horizonte]  
Se ergue em negra nuvem e enegrece  
E cresce levantando-se e [escurece]  
O firmamento, sinto despontar  
Prenúncios de tormenta e confusão  
Num silêncio que existe dentro em mim.

## XVII

Quanto mais claro  
Vejo em mim, mais escuro é o que vejo.  
Quanto mais compreendo  
Menos me sinto compreendido. Ó horror  
paradoxal deste pensar...

## XVIII

O decorrer dos dias  
E todo o subjetivo e objetivo  
Envelhecer de tudo, não me dói  
Por sentido, mas sim por ponderado;  
Nem ponderado dói, mas apavora.  
Tudo tem as [razões] na treva  
Do mistério e eu sou disso sempre  
Demasiado consciente, muito  
Atento ao substancial do existir



E à [consciência] do mistério em tudo.  
Cada coisa p'ra mim é porta aberta  
Por onde vejo a mesma escuridão;  
Quanto mais olho, mais eu compreendo  
De quanto é escura aquela escuridão;  
E quanto mais o compreendo, mais  
Me sinto escuro em o compreender.  
Desde que despertei para a consciência  
Do abismo da noite que me cerca,  
Não mais ri nem chorei, porque passei  
Na monstruosidade do sofrer  
Muito além da loucura, da que ri  
E da que chora monstruosamente  
Consciente de tudo e da consciência  
Que de tudo horrorosamente tenho.  
Todas as máscaras que a alma humana  
Para si mesma usa, eu arranquei —  
A própria dúvida, trementemente,  
Arranquei eu de mim, e inda depois  
Outra máscara [...]  
Mas o que vi então — essa nudez  
Da consciência em mim, como relâmpago  
Que tivesse uma voz e uma expressão,  
Gelou-me para sempre em outro ser [...]

Só compreendi  
Que não há forma de pensar ou crer,  
De imaginar, sonhar ou de sentir,  
Nem rasgo de [...] loucura  
Que ouse pôr a alma humana frente a frente  
Com isso que uma vez visto e sentido  
Me [mudou], qual ao universo o sol  
Falhasse súbito, sem duração  
No acabar [...]

Oh horror! Oh horror! Sinto outra vez  
Essa frieza precursora n'alma  
Da suprema intuição. Ah, não poder  
Fora do ser e do sentir esconder-me!  
Ah não poder gritar, pedir, deixar-me,  
Oh, qualquer coisa mais do que uma luz  
Vou sentindo que vai breve raiar...

Morte! Treva! a mim! a mim!

XIX

Ah, não poder dormir (eu não sei como,  
verdade o quero) eternamente,  
Acabar não comigo, nem com isto,  
Mas com tudo — causa, efeito, ser...  
Idéias [vãs] que a imaginação  
Vazia dum momento  
Gera sem ilusão, como criança

Embriagando-se indolentemente  
Do cheiro transitório duma flor.

XX

[Ah, qualquer coisa  
Ou sono ou sonho, sem doer isole  
O meu já isolado coração,  
Se as palavras que eu diga nunca podem  
Levar aos outros mais do que o sentido  
Que essas palavras neles têm, e [existe]  
[Por] fora do que digo, oculto nele  
Como o esqueleto nesta carne minha,  
Invisível estrutura do visível  
Diferente essencial...

Cai sobre mim, apagamento meu!  
Querer querer, inútil pedra ao mar!  
Saco p'ra colher vento, cesto de água,  
Caçador só do uivar dós lobos longe...

XXI

Não é o vício  
Nem a experiência que desflora a alma,  
É só o pensamento. Há inocência  
Em Nero mesmo e em Tibério louco  
Porque há inconsciência. Só pensar  
Desflora até ao íntimo do ser.  
Este perpétuo analisar de tudo,  
Este buscar de uma nudez suprema  
Raciocinada coerentemente  
É que tira a inocência verdadeira,  
Pela suprema consciência funda  
De si, do mundo [...]

Pensar, pensar e não poder viver!  
Pensar, sempre pensar, perenemente,  
Sem poder ter mão nele. Ah, eu sorrio  
Quando [por] vezes noto o inconsciente  
Riso vazio do bandido  
Rindo-se da inocência! Se ele soubesse  
O que é perder a inocência toda ...

O tédio! O tédio, quem me dera tê-lo!

XXII

Tudo o que toma forma ou ilusão  
De forma, nas palavras, não consegue  
Dar-me sequer, cerrado em mim o olhar  
Do [pensamento], a ilusão de ser  
Uma expressão disso que não se exprime,  
Nem por dizer que não se exprime. Vida

Idéia, Essência, Transcendência, Ser,  
Tudo quanto de vagor e [sombra]  
Possa ocorrer ao sonho de pensar,  
Inda que fundamente concebido,  
Nem pelo horror desse impossível deixa  
Transver sombra ou lembrança do que é.

Com que realidade o mundo é sonho!  
Com que ironia mais que tudo amarga  
Me não confrange, fria e negramente,  
Esta inquieta pretensão a ser!

### **Terceiro Tema** **A Falência do Prazer e do Amor**

I

Beber a vida num trago, e nesse trago  
Todas as sensações que a vida dá  
Em todas as suas formas [...]

Dantes eu queria  
Embeber-me nas árvores, nas flores,  
Sonhar nas rochas, mares, solidões.  
Hoje não, fujo dessa idéia louca:  
Tudo o que me aproxima do mistério  
Confrange-me de horror. Quero hoje apenas  
Sensações, muitas, muitas sensações,  
De tudo, de todos neste mundo — humanas,  
Não outras de delírios panteístas  
Mas sim perpétuos choques de prazer  
Mudando sempre,  
Guardando forte a personalidade  
Para sintetizá-las num sentir.  
Quero  
Afogar em bulício, em luz, em vozes,  
— Tumultuárias [cousas] usuais —  
o sentimento da desolação  
Que me enche e me avassala.  
Folgaria  
De encher num dia, [...] num trago,  
A medida dos vícios, inda mesmo  
Que fosse condenado eternamente —  
Loucura! — ao tal inferno,  
A um inferno real.

II

Alegres camponeses, raparigas alegres e ditosas,  
Como me amarga n'alma essa alegria!

Nem em criança, ser predestinado,

Alegre eu era assim; no meu brincar,  
Nas minhas ilusões da infância, eu punha  
O mal da minha predestinação.

Acabemos com esta vida assim!  
Acabemos! o modo pouco importa!  
Sofrer mais já não posso. Pois verei —  
Eu, Fausto — aqueles que não sentem bem  
Toda a extensão da felicidade,  
Gozá-la?

Ferve a revolta em mim  
Contra a causa da vida que me fez  
Qual sou. E morrerei e deixarei  
Neste inundo isto apenas: uma vida  
Só prazer e só gozo, só amor,  
Só inconsciência em estéril pensamento  
E desprezo [...]

Mas eu como entrarei naquela vida?  
Eu não nasci para ela.

III

Melodia vaga  
Para ti se eleva  
E, chorando, leva  
O teu coração,  
Já de dor exausto,  
E sonhando o afaga.  
Os teus olhos, Fausto,  
Não mais chorarão.

IV

Já não tenho alma. Dei-a à luz e ao ruído,  
Só sinto um vácuo imenso onde alma tive...  
Sou qualquer coisa de exterior apenas,  
Consciente apenas de já nada ser...  
Pertengo à estúrdia e à crápula da noite  
Sou só delas, encontro-me disperso  
Por cada grito bêbedo, por cada  
Tom da luz no amplo bojo das botelhas.  
Participo da névoa luminosa  
Da orgia e da mentira do prazer.  
E uma febre e um vácuo que há em mim  
Confessa-me já morto... Palpo, em torno  
Da minha alma, os fragmentos do meu ser  
Com o hábito imortal de perscrutar-me.

V

Perdido  
No labirinto de mim mesmo, já

Não sei qual o caminho que me leva  
Dele à realidade humana e clara  
Cheia de luz [...] alegremente  
Mas com profunda pesadez em mim  
Esta alegria, esta felicidade,  
Que odeio e que me fere [...]

Sinto como um insulto esta alegria  
— Toda a alegria. Quase que sinto  
Que rir, é rir — não de mim, mas, talvez,  
Do meu ser.

## VI

Toda a alegria me gela, me faz ódio.  
Toda a tristeza alheia me aborrece,  
Absorto eu na minha, maior muito Que outras  
[...]

Sinto em mim que a minha alma não tolera  
Que seja alguém do que ela mais feliz;  
O riso insulta-me, por existir;  
Que eu sinto que não quero que alguém ria  
Enquanto eu não puder. Se acaso tento  
Sentir, querer, só quero incoerências  
De indefinida aspiração imensa,  
Que mesmo no seu sonho é desmedida ...

## VII

Tua inconsciência alegre é uma ofensa  
Para mim. O seu riso esbofeteia-me!  
Tua alegria cospe-me na cara!  
Oh, com que ódio carnal e espiritual  
Escarro sobre o que na alma humana  
Fria festas e danças e cantigas...

Com que alegria minha, cairia  
Um raio entre eles! Com que pronto  
Criaria torturas para eles  
Só por rirem a vida em minha cara  
E atirarem à minha face pálida  
O seu gozo em viver, a poeira — que arda  
Em meus olhos — dos seus momentos ociosos  
De infância adulta e tudo na alegria!

Ó ódio, alegra-me tu sequer!  
Faze-me ver a Morte. roendo a todos,  
Põe-me ria vista os vermes trabalhando  
Aqueles corpos! [...]

## VIII

Triste horror d'alma, não evoco já

Com grata saudade, tristemente,  
Estas recordações da juventude!  
Já não sinto saudades, como há pouco  
Inda as sentia. Vai-se-me embotando,  
Co'a força de pensar, contínuo e árido,  
Toda a verdura e flor do pensamento.  
Ao recordar agora, apenas sinto,  
Como um cansaço só de ter vivido,  
Desconsolado e mudo sentimento  
De ter deixado atrás parte de mim,  
E saudade de não ter saudade,  
Saudades dos tempos em que as tinha.  
Se a minha infância agora evoco, vejo  
— Estranho! — como uma outra criatura  
Que me era amiga, numa vaga  
Objetivada subjetividade.  
Ora a infância me lembra, como um sonho,  
Ora a uma distância sem medida  
No tempo, desfazendo-me em espanto;  
E a sensação que sinto, ao perceber  
Que vou passando, já tem mais de horror  
Que tristeza [...]  
E nada evoca, a não ser o mistério  
Que o tempo tem fechado em sua mão.  
Mas a dor é maior!

## IX

Ó vestidas razões! Dor que é vergonha  
E por vergonha de si-própria cala  
A si-mesma o seu nexo! Ó vil e baixa  
Porca animalidade do animal,  
Que se diz metafísica por medo  
A saber-se só baixa ...

Ó horror metafísico de ti!  
Sentido pelo instinto, não na mente!  
Vil metafísica do horror da carne,  
Medo do amor...

Entre o teu corpo e o meu desejo dele  
'Stá o abismo de seres consciente;  
Pudesse-te eu amar sem que existisses  
E possuir-te sem que ali estivesses!

Ah, que hábito recluso de pensar  
Tão desterra o animal que ousar não ousou  
O que a [besta mais vil] do mundo vil  
Obra por maquinismo.

Tanto fechei à chave, aos olhos de outros,  
Quanto em mim é instinto, que não sei  
Com que gestos ou modos revelar  
Um só instinto meu a olhos que olhem ...

Deus pessoal, deus gente, dos que crêem,  
Existe, para que eu te possa odiar!  
Quero alguém a quem possa a maldição  
Lançar da minha vida que morri,  
E não o vácuo só da noite muda  
Que me não ouve.

X

O horror metafísico de Outrem!  
O pavor de uma consciência alheia  
Como um deus a espreitar-me!  
Quem me dera  
Ser a única [coisa ou] animal  
Para não ter olhares sobre mim!

XI

Um corpo humano!  
Às vezes eu, olhando o próprio corpo,  
Estremecia de terror ao vê-lo  
Assim na realidade, tão carnal.

XII

Sinto horror  
À significação que olhos humanos  
Contém...

Sinto preciso  
Ocultar o meu íntimo aos olhares  
E aos perscrutamentos que olhares mostram;  
Não quero que ninguém saiba o que sinto,  
Além de que o não posso a alguém dizer...

XIII

Com que gesto de alma  
Dou o passo de mim até à posse  
Do corpo de outros, horrorosamente  
Vivo, consciente, atento a mim, tão ele  
Como eu sou eu.

XIV

Não me concebo amando, nem dizendo  
A alguém "eu te amo" — sem que me conceba  
Com uma outra alma que não é a minha  
Toda a expansão e transfusão de vida  
Me horroriza, como a avaro a idéia  
De gastar e gastar inutilmente —  
Inda que no gastar se [extraia] gozo.

XV

Quando se adoram, vividos,  
Dois seres juvenis e naturais  
Parece que harmonias se derramam  
Como perfumes pela terra em flor.

Mas eu, ao conceber-me amando, sinto  
Como que um gargalhar horrído e fundo  
Da existência em mim, como ridículo  
E desusado no que é natural.

Nunca, senão pensando no amor,  
Me sinto tão longínquo e deslocado,  
Tão cheio de ódios contra o meu destino. —  
De raivas contra a essência do viver.

XVI

Vendo passar amantes  
Nem propriamente inveja ou ódio sinto,  
Mas um rancor e uma aversão imensos  
Ao universo inteiro, por cobri-los.

XVII

O amor causa-me horror; é abandono,  
Intimidade...  
Não sei ser inconsciente  
E tenho para tudo [...]  
A consciência, o pensamento aberto  
Tornando-o impossível.

E eu tenho do alto orgulho a timidez  
E sinto horror a abrir o ser a alguém,  
A confiar n'algém. Horror eu sinto  
A que perscrute alguém, ou levemente  
Ou não, quaisquer recantos do meu ser.

Abandonar-me em braços nus e belos  
(Inda que deles o amor viesse)  
No conceber do todo me horroriza;  
Seria violar meu ser profundo,  
Aproximar-me muito de outros homens.

Uma nudez qualquer — espírito ou corpo —  
Horroriza-me: acostumei-me cedo  
Nos despimentos do meu ser  
A fixar olhos pudicos, conscientes.  
Do mais. Pensar em dizer "amo-te"  
E "amo-te" só — só isto, me angustia...

XVIII



[...] eu mesmo  
Sinto esse frio coração em mim  
Admirado de ser um coração  
Tão frio está.

## XIX

Seria doce amar, cingir a mim  
Um corpo de mulher, mais frio e grave  
e feito em tudo, transcendentalmente  
O pensamento agrada-me, e confrange-me  
Do terror de perto, e [junto]  
Em sensação ao meu, um outro corpo.  
Gelada mão misteriosa cai  
Sobre a imaginação [...]

## XX

É isto o amor? Só isto? [...]

Sinto ânsias, desejos,  
Mas não com meu ser todo. Alguma coisa  
No íntimo meu, alguma coisa ali  
— Fria, pesada, muda — permanece.

[P'ra] isto deixei eu a vida antiga  
Que já bem não concebo, parecendo  
Vaga já.  
Já não sinto a agonia muda e funda  
Mas uma, menos funda e dolorosa,  
[Bem] mais terrível raiva [...]  
De movimentos íntimos, desejos  
Que são como rancores.

Um cansaço violento e desmedido  
De existir e sentir-me aqui, e um ódio  
Nascido disto, vago e horroroso,  
A tudo e todos...

## XXI

— Amo como o amor ama.  
Não sei razão pra amar-te mais que amar-te.  
Que queres que te diga mais que te amo,  
Se o que quero dizer-te é que te amo?

Quando te falo, dói-me que respondas  
Ao que te digo e não ao meu amor.

Ah! não perguntes nada; antes me fala  
De tal maneira, que, se eu fora surda,  
Te ouvisse todo com o coração.

Se te vejo não sei quem sou: eu amo.

Se me faltas [...]  
Mas tu fazes, amor, por me faltares  
Mesmo estando comigo, pois perguntas —  
Quando é amar que deves. Se não amas,  
Mostra-te indiferente, ou não me queiras,  
Mas tu és como nunca ninguém foi,  
Pois procuras o amor pra não amar,  
E, se me buscas, é como se eu só fosse  
Alguém pra te falar de quem tu amas.

Quando te vi amei-te já muito antes:  
Tornei a achar-te quando te encontrei.  
Nasci pra ti antes de haver o mundo.  
Não há cousa feliz ou hora alegre  
Que eu tenha tido pela vida fora,  
Que o não fosse porque te previa,  
Porque dormias nela tu futuro.

E eu soube-o só depois, quando te vi,  
E tive para mim melhor sentido,  
E o meu passado foi como uma 'strada  
Iluminada pela frente, quando  
O carro com lanternas vira a curva  
Do caminho e já a noite é toda humana.

Quando eu era pequena, sinto que eu  
Amava-te já longe, mas de longe...

Amor, diz qualquer cousa que eu te sinta!  
— Compreendo-te tanto que não sinto,  
Oh coração exterior ao meu!  
Fatalidade, filha do destino  
E das leis que há no fundo deste mundo!  
Que és tu a mim que eu compreenda ao ponto  
De o sentir...?

XXII

Pra que te falar? Ninguém me irmana  
Os pensamentos na compreensão.  
Sou só por ser supremo, e tudo em mim  
É maior.

XXIII

Reza por mim! A mais não me entorneço.  
Só por mim mesmo sei enternecer-me,  
Soba a ilusão de amar e de sentir em que forçadamente me detive.  
Reza por mim, por mim! Eis a que chega  
A minha tentativa [em] querer amar.

## Quarto Tema O Temor da Morte

I

Que a morte me desmembre em outro, e eu fique  
Ou o nada do nada ou o de tudo  
E acabo enfim esta consciência oca  
Que de existir me resta.

Sinto um tropel esfuziante e quente  
De propósitos-sombras, e de impulsos  
Transbordando do cálix da consciência  
Para cima da vida...

II

Só um sentimento  
De desejar eterna quietação,  
Ambição vaga de fechar os olhos  
E vaga esp'rança de não mais abri-los.  
Ânsia cansada de não mais viver;  
Meu cérebro esvaído não lamenta  
Nem sabe lamentar. Tumultuárias  
Idéias mistas do meu ser antigo  
E deste, surgem e desaparecem  
Sem deixar rastos à compreensão.

Já deslumbradas, vãs, incoerentes,  
Amargas, [vagas] desorganizações  
Que nem deixam sofrer. Vem pois, oh Morte!  
Sinto-te os passos! Sinto-te! O teu seio  
Deve ser suave e ouvir teu coração  
Como uma melodia estranha e vaga  
Que enleva até ao sono e passa o sono.  
Nada. Já nada [passa] — nada, nada...  
Vai-te, Vida!

III

Ah, o horror de morrer!  
E encontrar o mistério frente a frente  
Sem poder evitá-lo, sem poder...

IV

Gela-me a idéia de que a morte seja  
O encontrar o mistério face a face  
E conhecê-lo. Por mais mal que seja  
A vida e o mistério de a viver  
E a ignorância em que a alma vive a vida,

Pior me [relampeja] pela alma  
A idéia de que enfim tudo será  
Sabido e claro...

Pudesse eu ter por certo que na morte  
Me acabaria, me faria nada,  
E eu avançara para a morte, pávido  
Mas firme do seu nada.

V

Gela-me apenas, muda,  
A presença da morte que triplica  
O sentimento do mistério em mim.

VI

Mistério, vai-te, esmagas-me! Ah, partir  
Esta cabeça contra aquele muro  
E tombar morto. Mas a morte, a morte,  
Ali, como a temo! Para onde fugir?  
Na vida nem na morte tenho abrigo.  
Maldita seja... Quem? Quem faz o mal,  
Este que sinto! Ah, mas já [nem] posso  
Amaldiçoar...

VII

Não é o horror à morte, porque raie  
Nela o mistério em mim, nem venha nela  
Ou o acabar-me ou o continuar-me

Não. Não é minha alma que os sineiros  
Rebatem medos pelo que hei de ser.  
É a minha carne que em minha alma grita  
Horror à morte, carnalmente o grita,  
Grita-o sem consciência e sem propósito,  
Grita-o sem outro medo do que o medo.  
Um pavor corporado, um pavor frio  
Como uma névoa, um pavor de todo eu  
Subindo à tona intelectual de mim.

VIII

O animal teme a morte porque vive,  
O homem também, e porque a desconhece;  
Só a mim é dado com horror  
Temê-la, por lhe conhecer a inteira  
Extensão e mistério, por medir  
O [infinito] seu de escuridão.

Dor que transcende o verbo e o sentimento  
Criando um sentimento para si  
Do qual o Horror é apenas a aparência  
Pensável e sensível do exterior.

Uns têm — e é sofrer — o duvidar:  
Há Deus ou não há Deus? Há alma ou não?  
Eu não duvido, ignoro. E se o horror  
De duvidar é grande, o de ignorar  
Não tem nome nem entre os pensamentos.

## IX

Medo da morte, não; horror da morte.  
Horror por ela ser, pelo que é  
E pelo inevitável.

## X

Ao condenado  
Inda no seu horror lhe luz ao menos  
Uma sombra desesperada d'esperança;  
Inda o horror que espera não é aquele  
Horror da morte — não tem o intenso  
Arrastar da inevitabilidade  
Que a morte tem. A mim nem esperança  
Nem suspeita de sombra de esperança  
Ocorre, mas o horror completo e negro.  
Isso que lhe aparece qual resgate  
É o que eu temo!

## XI

Ah, não me ofendas com palavras vãs  
O horror do pensamento. Ninguém  
Como eu teve este horror. Nem poderá  
Nas veias e na alma do seu sangue  
Tê-lo tão íntimo [...]   
Tão feito um comigo.

As figuras do sonho não conhecem  
O sonho [...] de que são figuras,  
Porque o mundo não só é [já] sonhado  
Mas é dentro dum sonho um [sonho] real,  
Em que sonhados são os sonhadores  
Também.

Não poder apagar esta tortura  
Não poder despegar-me deste Ser;  
Não poder esquecer-me desta vida ...

## XII

Só uma cousa me apavora  
A esta hora, a toda a hora:  
É que verei a morte frente a frente  
Inevitavelmente.  
Ah, este horror como poder dizer!  
Não lhe poder fugir. Não podê-lo esquecer.

E nessa hora em que eu e a Morte  
Nos encontrarmos  
O que verei? O que saberei?  
Horror! A vida é má e é má a morte  
Mas quisera viver eternamente  
Sem saber nunca [...] isso que a morte traz [...]

Que o tempo cesse!  
Que pare e fique sempre este momento!  
Que eu nunca me aproxime desse  
Horror que mata o pensamento!

Envolvei-me, fechai-me dentro em vós  
E que eu não morra nunca.

## Dois Diálogos

I

— Febre! Febre! Estou trêmulo de febre  
E de delírio...]

Ancião, não podes tu  
Arranjar-me um remédio para a vida?  
Quero vivê-la sem saber que a vivo  
Como tu vives.

Atordoar-me-á isto a alma toda,  
Toda, até dentro, muito dentro, velho?  
— Não teentendo], mas se é esquecer  
Que queres, bebe...  
— Quero, quero, vamos....  
Esqueçamos-nos. Tens algo de mais forte  
P'ra] mais do que esquecer? depressa, diz...  
— Mal te compreendo, mas não tenho.

(FAUSTO bebe sofregamente)

Estranha e horrível criatura!

Não é vício  
Nem crime, nem tristeza, nem pavor  
Propriamente pavor, o que obscurece  
Como uma escuridão de dentro d'alma

Toda a vida e expressão de sua face.  
E essas palavras de que usou — "esquecer  
A vida"; "mais do que esquecer"; "em mim  
Acabará então parte de mim" —  
Que significam?  
Não sei, mas sinto  
Que condizem, secreta e intimamente,  
Com esse íntimo ser que eu não conheço;  
Qualquer que seja essa desgraça, estranho,  
Dorme e ou esquece ou aconteça em ti  
Isso que semelhante ao esquecer  
Desordenadamente me disseste  
Desejar no teu íntimo...  
Dorme, e que o filtro opere no silêncio  
Da tua alma obra interior de paz  
E ao descerrares para mim os olhos  
Eu lhes veja a expressão já transmutada  
Para compreensível e humana  
Expressão de um humano sentimento.  
Te adormeça a existência intimamente  
E ao escuro desejo que tu tens.  
(Vai para o levantar mais retrai-se)  
Não; dorme onde caíste

Eu sou outro que os homens, ó ancião,  
O teu filtro de paz e esquecimento  
Não me faz esquecer e só a sombra  
De uma possível paz me entrou na alma.  
Para a paz que eu queria, isto que tenho  
É como archote para a luz do sol.  
Intimamente nada se passou.  
Paralisaste em mim a engrenagem  
Do pensamento e sentimento antigos

Não tornaria, eu sinto-o, a sentir  
O que sentia antigamente. Foi-se  
Não sei como o interior do meu ser  
Com suas intuições, mas não se foi  
A memória terrível do horror  
Da minha vida antiga...]

Não fales mais. Eu vou...  
(pondo-se em pé)  
Eu vou, não sei aonde ... Como...] treme,  
Com que debilidade e sentimento  
De estarmudado] o corpo todo. Velho,  
Adeus; quisera ter achado em ti  
podia ter achado. nada valem. Eu  
Deveria ao pedir tê-lo sabido;  
Mas... Não tens outro, diz-me... Tu que filtras  
venenos mais subtis  
Para a existência?

— Há um filtro

Diferente daquele que tomaste;  
Diverso na intenção com que obra n'alma,  
Mas parecido no fazer esquecer.  
— Como diverso na intenção?  
— Em vez  
De apagar [extinguir], adormecer,  
Faz — com terrível excitar de vida —  
Nascer n'alma um conflito de desejos  
Um desejo de tudo possuir,  
De tudo ser, de tudo ver, amar,  
Gozar, odiar, querer e não querer,  
Reunir vícios e virtudes — tudo  
Como que na ânsia férvida dum trago  
Da taça do existir.

— Tu vendes-mo... Ah! não, que eu nada tenho  
Nem sei se tive ou poderia ter.  
Tu dás-mo, velho. Não te servirá  
De nada ...]

Quem o fez?  
Por que o fez? Onde o tens? Repete mesmo  
O que de seus efeitos me disseste...

Que me decida ou não a beber dele,  
Esse filtroque a ti] de nada serve  
Dá-mo, pois.  
— Não to dou.  
— O filtro, velho.  
Não me enfureças, vá; o filtro!  
— Não to dou.  
— O filtro!  
— Não to posso dar.  
— O filtro...  
— Para que avanças? Eu que mal te fiz?  
— O filtro; dá-me o filtro.  
— Mas não posso  
— Velho, repara em mim. Há na minh'alma  
Uma ira calma e fria! Foge que ela  
Na ação te mostre o que é.  
— Não posso dar-te.  
Em verdade to digo, o filtro. Eu  
Fiz-te o bem que pude; porque então  
Avançando assim calmo para mim  
No horror de qualquer outra intenção  
Te vejo o mesmo sempre. Poupa-me isso  
Terrível que há em ti e que não trais  
Em movimento ou vaga intimidade  
Do olhar... Piedade, piedade...  
Piedade, senhor!, Eu dou-te o filtro,  
Eu dou-te o filtro. Piedade, eu dou...  
(FAUSTO estrangula-o ...])  
(após matar)  
Nem sinto horror, nem medo, ou dor, ou ânsia,



Nem qualquerforma] de estranheza sinto  
Pelo que fiz por mais que tente querer  
Sentir                   ...]

É uma alma morta ante um corpo morto  
Compreendo bem o que sentir eu devo  
Mas não consigo mesmo imaginar-me  
Sentindo-o ...]  
quanto é de horror  
A morte, um ente morto, e o mistério  
Disto tudo. Sim, sinto-lhe o mistério...  
Mas este sentimento de mistério  
Não se me liga a um sentimento  
Queuna] esse corpo a mim, que fiz  
O que de misterioso está ali.  
Tremo ao sentir quanto é mistério a morte...

Procuremos o filtro...]

II

Reza por mim, Maria, e eu sentirei  
Uma calma d'amor...] sobre o meu ser,  
Como o luar sobre um lago estagnado...

Dize: Fazei feliz a quem eu amo,

Cujos olhos não choram por não ter  
Na alma já lágrimas para chorar;  
Que tendo erguido o seu pensar ao cume  
Do humano pensar.... Não, não importa,  
Não digas nada, reza e que a tua alma,  
Compadecendo-se de mim, encontre  
Os termos, as palavras que na prece  
Murmurará... Choras? Fiz-te chorar?  
— Sim... Não... Eu choro apenas de te ver  
Triste                   ...], sem que eu compreenda  
Tua tristeza, meu amor. Vem ela  
De alguma dor — oh, dize-me! partilha  
Comigo a tua dor, que eu te darei  
O meu carinho, porque te amo tanto...  
— Tu amas-me, tu amas-me, Maria?  
— Ah, tu duvidas? Meu amor, duvidas?

Se te amo, por que hás de  
Tu duvidar de mim? Ah, se palavras  
Podem levar a alma nelas, Fausto;  
Se o amor, este amor como eu o sinto  
Pode dizer-se sem o duvidar;  
Se o que eu sinto em minh'alma                   se] te vejo,  
Se sinto o teu pavor, quando penso  
Em ti, amor, em ti; se olhares, beijos,  
Podem mostrar o amor, todo o amor —

Crê, que as minhas palavras, os meus beijos,  
O meu olhar têm esse amor.

Eu não sei dizer mais; não aprendi  
Como o amor falar, não ...] aprendi  
Porque o amor não fala e] não pode  
Dizer-se todo, senão não seria  
Amor...]

Mas eu amo-te, Fausto! Ah, como te amo!

(à parte)  
— Aquilo é amor... eu, pois, nunca amarei

Não posso  
Fazer erguer em mim um sentimento  
Que dê as mãos àquele. E, de o não poder,  
Eu mais frio me sinto, mais pesado  
N'alma, na minha desconsolação.  
Como me sinto falso, falso a mim...]  
Falso à existência, falso à vida, ao amor!  
(alto)  
Perdoa, amor...  
(à parte)  
Amor! Como me amarga  
De vazia em meu ser esta palavra  
Como de isso assim ser me encolerizo!  
(alto)  
Perdoa, meu amor!  
Cedo aprendi a duvidar de tudo  
Por duvidar e mim, sem o querer,  
Sem razão de o querer ou de o pensar

Mas eu creio em ti, Maria,  
Eu creio em ti... Como és bela!  
Não, não chores  
Quero falar ternura e não o sei.